

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

Josiana Ayala Ledur

**ATLETAS BRASILEIROS DE JUDÔ NOS JOGOS OLÍMPICOS
(1972-1988): versão histórica difundida pela Revista Veja**

**Porto Alegre
2017**

Josiana Ayala Ledur

**ATLETAS BRASILEIROS DE JUDÔ NOS JOGOS OLÍMPICOS
(1972-1988): versão histórica difundida pela Revista Veja**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Educação Física pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Prof.^a Janice Zarpellon Mazo

Porto Alegre

2017

AGRADECIMENTOS

Acredito que sou privilegiada, pois tenho a graça de ter em minha vida muitas pessoas especiais que merecem não só um agradecimento, mas também uma reverência.

Dedico um agradecimento carinhoso à minha filha Martina, ao meu marido Márcio e aos meus demais familiares que tanto amo.

Dirijo um agradecimento profundo à minha orientadora, professora Janice Zarpellon Mazo por ser uma fonte de incentivo e paciência, além de um norte em minha vida acadêmica.

Também desejo agradecer os colegas do Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (NEHME), grupo do qual faço parte com muita satisfação desde 2010. Bem como agradeço a todos os professores da ESEFID que fizeram parte desta jornada, contribuindo com seus ensinamentos nas mais diversas linhas de pesquisa que a Educação Física nos permite investigar.

“Quando se perde a luta e sabe que tinha um pouco a mais para dar é que você sai mais machucado fisicamente.”

Aurélio Miguel, judoca brasileiro.

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa foi analisar as representações sociais construídas acerca da participação dos atletas brasileiros de Judô nos Jogos Olímpicos, a partir das reportagens veiculadas na Revista Veja no período situado entre os anos 1972 a 1988. Este estudo adotou como metodologia a pesquisa documental, valendo-se da coleta de informações nas edições disponíveis no acervo Digital da Revista Veja. Como instrumento de análise, elegemos o método proposto por Bardin (2011). Após a coleta das reportagens, as informações foram agrupadas por elementos de mesma classe ou grupo e foram divididas em categorias. Das três categorias que emergiram neste estudo, o foco esteve direcionado a relacionar a imagem dos judocas a expectativas de medalhas, a relações familiares e ao treinamento e desempenho. A análise ainda revelou que a visão acerca dos judocas ao ser retratada pela Veja no período delimitado para este estudo refletiu um momento em particular vivenciado pelo Judô brasileiro. A revista por ser um instrumento midiático que se utiliza discursos para atingir a população, apontando tendências e formando ideias, deve ser olhado com criticidade, pois muitas vezes traz imagens estereotipadas, distorcidas ou fragmentadas. Deste modo, é necessário atentar para a superficialidade e parcialidade destes discursos e suas conseqüentes repercussões.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos, Judô, Revista Veja, Representações Sociais

ABSCTRACT

The objective of this research was analyze the social representations built about the participation of Brazilian Judo athletes in the Olympic Games, based on the reports published in *Veja* magazine between 1972 and 1988. This study adopted as a methodology the documentary research, using the information available in the editions of Digital Collection of *Veja* Magazine. As an instrument of analysis, we chose the method proposed by Bardin (2011). After collecting the reports, the information was grouped by elements of the same class or group and were divided into categories. Considering the three categories that emerged in this study, the focus aimed to relating the image of judo athletes with medal expectations, family relationships, and training and performance. The analysis also revealed that the vision about the athletes when being portrayed by the *Veja* in the period delimited for this study reflected a particular moment experienced by Brazilian judo. The journal, because it is a media instrument that uses discourses to reach the population, pointing out tendencies and forming ideas, must be viewed with criticality, as it often brings stereotyped, distorted or fragmented images. In this way, it is necessary to look at the superficiality and partiality of these discourses and their consequent repercussions.

Keywords: Olympic Games, Judo, *Veja* Magazine, Social Representations.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	11
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	15
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

O *Judô* é uma arte marcial fundamentada na cultura japonesa. Sua história remete ao século XIX, mais precisamente em 1882, quando Jigoro Kano, a partir de técnicas originárias do *Ju-Jutsu*¹ desenvolveu um método voltado à formação do caráter e da personalidade do praticante, cultivadas por meio da disciplina pessoal e a educação de um modo geral, além dos aspectos da defesa pessoal e saúde (SERRANO, 2008; NUNES, 2011). O termo *Judô* ao ser expresso pelos ideogramas “*Ju*”, que significa suave, leve e “*Do*”, que corresponde à doutrina, via ou caminho (FRANCHINI & DORNELES, 2004), quando unidos podemos traduzir como “caminho suave”. Caminho este, que Jigoro Kano vislumbrou ao dedicar anos de estudos, para elaborar um outro tipo de *Ju-Jutsu* que fosse capaz de explicar não apenas as fases de ataque e defesa relacionadas a um combate travado entre dois ou mais oponentes. A ideia centrava-se em elaborar um estilo que não se findasse apenas na execução de técnicas e preparo físico, mas também com a construção do caráter, da moral e da espiritualidade, ou seja, que a prática do *Judô* em todas as suas abrangências fosse para a vida.

Para além do desenvolvimento dos valores, dos princípios morais, e do aperfeiçoamento físico e espiritual, desenvolvidos por *Kano* no final do século XIX, o *Judô* na atualidade alcança um *status* de esporte de repercussão internacional. Sendo um marco de seu reconhecimento o ano 1964, quando passou a fazer parte do programa olímpico nos Jogos de Tóquio, naquele momento representado somente por atletas masculinos como esporte-apresentação. Em 1964, nesta edição realizada no Japão, o Brasil foi representado por apenas um atleta, Lhofei Shiozawa. De fato, a modalidade não fez parte do programa na edição seguinte, ocorrida na cidade do México 1968, retornando quatro anos depois (NUNES, 2011).

Diferentemente do momento inicial, relacionada a oportunidade gerada em 1964, nos jogos de Tóquio, a participação do *Judô* enquanto modalidade oficial dos Jogos Olímpicos ocorreu somente na edição realizada em Munique

¹ *Ju-jutsu*- palavra japonesa composta por dois kanji. O primeiro “ju” significa leve ou suave, e o segundo “jutsu”, significa arte.

em 1972, na categoria masculino e de Barcelona, em 1992, no feminino (SHINOHARA, 1982 apud NUNES; KOSMANN; SHOURA, 2006). A partir da edição de Munique, no entanto, foi que o Judô brasileiro passou a ter maior visibilidade, quando então o japonês naturalizado *Chiaki Ishii* conquistou uma medalha de bronze na modalidade. As primeiras medalhas obtidas por brasileiros natos em Jogos Olímpicos, entretanto, ocorreram somente em 1984 em Los Angeles (NUNES, 2011). Nos anos subsequentes, os nomes de alguns judocas entrariam para a história dos Jogos Olímpicos. Dentre os tantos atletas que alcançaram um lugar ao pódio, podemos citar Aurélio Miguel, que obteve a primeira medalha de ouro na modalidade nos Jogos Olímpicos de Seul (1988) e Ketleyn Quadros que ao derrotar no tatame nas Olimpíadas de Pequim (2008) a australiana Maria Pelkli, se tornando a primeira brasileira a ganhar a medalha olímpica em um esporte individual.

Tendo em vista os dados acima apresentados, é possível evidenciar que desde 1964, quando o Brasil enviou a primeira delegação aos Jogos Olímpicos, os atletas brasileiros vêm protagonizando histórias no Judô brasileiro. Frente a esta participação dos judocas nesta modalidade esportiva, quais representações ao longo dos anos a mídia tem veiculado sobre estes integrantes que carregam a identidade nacional brasileira.

Amplamente discutido no plano acadêmico, a realização dos Jogos Olímpicos e conseqüentemente a participação de atletas nas diversas modalidades que o evento comporta, encontram na mídia um espaço onde representações a seu respeito são amplamente construídas e reproduzidas. Esta ação se viabiliza por meio de anúncios publicitários, textos jornalísticos, fotos, internet entre outros meios pelos quais produzem-se discursos, vozes sobre as trajetórias, vitórias e derrotas sobre os atletas. Estes últimos, por sua vez, muitas vezes são retratados a partir de um prisma positivo, são mencionados como heróis, refletindo um ideal a ser desejado e conquistado, e por outro lado tem sua imagem “vendida”, sob um prisma não tão nobre, passível de serem vistos como um produto rentável, com potencial de propaganda para patrocinadores e seus produtos (TEIXEIRA; DUARTE, 2014).

De fato, na mídia impressa, as revistas são exemplos da síntese de representações, de imaginários, explorando de forma considerável a imagem de atletas em eventos de grande repercussão, de megaeventos, como os

Jogos Olímpicos. Devido ao fato de nosso objetivo voltar-se a análise das representações construídas acerca da participação dos atletas brasileiros da modalidade Judô nos Jogos Olímpicos nas páginas da Revista Veja, abaixo traremos alguns elementos que caracterizam esta revista.

A Revista Veja, criada em 1968, situa-se hoje em posição de destaque no que diz respeito à produção jornalística brasileira e mundial, visto que é a quarta revista semanal de informação do mundo, com um total de 1,1 milhão de exemplares impressos semanalmente, ficando atrás somente das americanas *Time*, *Newsweek* e *U.S.News*. Neste período de existência, mais do que um retratador de fatos jornalísticos, Veja tornou-se um conceito, uma “marca” que carrega valores e atributos guiados por uma ótica alusiva aos princípios estipulados pela organização a que pertence, ao Grupo Abril. A representatividade da Veja não se limita à tiragem, vai além, em um país que concentra formadores de opinião em uma pequena elite. No ano de 2010, a revista contava com mais de sete milhões de leitores (BARROS, 2010).

Partindo do entendimento da influência que este meio midiático tem tido frente aos seus leitores em todo território brasileiro, nos mais de quarenta anos da publicação e, destacando-se o aspecto histórico e social, escolhemos enfocar nas representações dos atletas do Judô nos Jogos Olímpicos veiculadas pela Revista Veja, no período entre os anos 1972 a 1988, enfatizando os correspondentes aos Jogos. De tal modo, justificamos a realização deste estudo pelo viés acadêmico, na medida em que ao suscitar discussões acerca do universo olímpico, considerado de grande relevância para o campo esportivo, visamos contribuir para uma maior visibilidade e reconhecimento social deste grupo. Concernente ao espaço temporal, este se justifica por dois momentos em particular. O ano 1972 representa o momento em que ocorreu a primeira participação oficial da modalidade nos Jogos, e 1988 é quando o esporte alcança certa excelência e conseqüentemente maior visibilidade a partir da conquista da primeira medalha de ouro na edição dos Jogos de Seul, pelo atleta Aurélio Miguel.

Este trabalho apresenta inicialmente a “Introdução”, onde abordamos informações relacionadas ao Judô enquanto modalidade olímpica e as relações que buscamos estabelecer com a mídia a partir da participação de atletas em diferentes edições dos Jogos Olímpicos. Dando sequência, organizamos os

demais capítulos da seguinte forma: “Referencial Teórico – Metodológico”, que inicialmente traz os principais conceitos e linhas de pesquisa utilizados nesta investigação, e de modo mais pontual no subcapítulo “Procedimentos Metodológicos” são discutidos o “como fazer” a pesquisa, levando em conta suas ferramentas e fontes. No capítulo de “Resultados e Discussão” estão contidas as principais análises que podemos estabelecer através das fontes, e por fim são apresentadas as “Considerações Finais” e as Referências utilizadas na pesquisa”.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Neste tópico são apresentados os conceitos teóricos que corroboram com o objeto a ser pesquisado. Estes conceitos, “emprestados” enquanto teoria auxiliam na discussão da temática que estará sendo analisada, formando uma base conceitual que guiará o diálogo científico.

Partindo do exposto, é que justifico a utilização da linha historiográfica, e de modo mais específico a correspondente a História do Esporte, campo interdisciplinar que surgirá enquanto tentativa de tornar legível significados pertencentes ao nosso tempo a partir de um exercício teórico que tem possibilitado dar a ver versões históricas sobre determinadas práticas esportivas, que, por conseguinte permitem pertinentes discussões no plano acadêmico da Educação Física. Como exemplo, podemos citar as representações suscitadas pela mídia a respeito da participação de atletas em eventos esportivos.

A divulgação de anúncios publicitários, textos jornalísticos, fotos e ilustrações na televisão, na internet e na mídia impressa formam discursos, vozes sobre heróis olímpicos, trajetórias esportivas, conquistas e perdas, bem como há o universo do consumo que pode levar o atleta a ser objeto de “venda” de marcas de patrocinadores (SIQUEIRA; FARIA, 2007; AMARO, 2014, RUBIO, 2002). Todas estas dimensões do esporte, conforme aponta Vamplew (2013), inserem-se dentro da História do Esporte, que além de registrar recordações esportivas, aponta transformações no campo esportivo, trabalha com evidências que situam eventos e acontecimentos em seus devidos contextos,

ajudando a esclarecer as forças ao seu redor. Neste viés, é possível dimensionar, a partir do passado, direcionamentos futuros sobre uma determinada prática, ou seja, “se quisermos saber para onde o esporte vai, é interessante saber por onde ele esteve” (VAMPLEW, 2013, p.2).

Consequentemente, tudo o que envolve o esporte torna-se passível de ser investigado. Cada período histórico tem algo a contar, mesmo que o conhecimento histórico seja sempre provisório. Já que tirando os “fatos esportivos”, que mostram quem ganhou o que, quando e onde, não há verdades absolutas na história do esporte (VAMPLEW, 2013). Desta forma, neste estudo, temos ciência de que estaremos trabalhando com uma versão divulgada pela mídia, que entendemos enquanto uma influente formadora de opiniões, saberes, normas, valores e subjetividades que são unidirecionados para o interlocutor por meio de mensagens, fazendo com que um grande contingente de pessoas aviste o mundo por suas lentes, seu viés.

E é por meio destas lentes que diversas representações são construídas e disseminadas. Para autores como Amorim (2014) a mídia é chamada e considerada o Quarto Poder, sua influência atinge o posto de quarto lugar na economia mundial, sendo a maior fonte de informação e entretenimento que a população possui. Munida deste “poder”, atua como uma espécie de controladora social, que por meio da manipulação de informações contribui para o processo de massificação da sociedade, podendo tanto interferir como formar opiniões quando estas não se encontram muito bem estabelecidas (SILVA; SANTOS, 2009). Na concepção de Coimbra (2001, p.2), os diferentes artefatos midiáticos não indicam somente “o que pensar, o que sentir, como agir, mas principalmente orientam sobre o que pensar, sobre o que sentir”.

Cabe salientar, que neste estudo utilizamos o conceito de representação social a partir das concepções elaboradas por Jodelet (2002). De acordo com esta autora, as representações sociais são geradas e atuam na vida social, dizem respeito à maneira como o indivíduo vai compreender, administrar ou enfrentar o mundo. As representações localizam o sujeito dentro e fora do seu coletivo, da sua realidade, por meio de símbolos e significações que orbitam no imaginário social. Podem ser entendidas como o produto e processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e da elaboração psicológica e social da realidade” (JODELET, 1993, p. 5).

Considerando o acima exposto, os sujeitos ao tomarem como base suas experiências coletivas e as condições particulares que as regem, constroem representações sobre si e sobre a realidade que os cerca de modo a articular, em um sistema simbólico de valores, necessidades e desejos que nortearão sua ação no mundo (RIGOTTO, 1998). Da mesma forma, as representações sociais são produtos de um processo histórico em constante construção, estando também sujeitas a transformações e resignificações. Ao lado disto, as representações sociais encontram-se presentes em discursos, palavras, mensagens e imagens midiáticas, enraizadas em condutas e direcionadas por espaços sociais e concepções concernentes ao tempo vivido (SANTOS; MEDEIROS, 2009).

Deste modo, compreender os elementos caracterizadores das representações sociais sobre os atletas de Judô em diversas nuances que megaeventos como os Jogos Olímpicos possibilitam, torna-se relevante. Tendo em vista que essas representações orientam os comportamentos e as condutas desses indivíduos e daqueles que os seguem em seus respectivos meios sociais. Partindo do exposto, e em busca de responder o objetivo proposto nesta investigação, no subcapítulo seguinte foram descritos os procedimentos metodológicos empreendidos.

a) Procedimentos Metodológicos

Este estudo possui abordagem qualitativa, segundo concepção trazida das Ciências Humanas, onde não se busca estudar o fenômeno em si, mas entender seu significado individual ou coletivo para a vida das pessoas (TURATO, 2005). Nesta direção, trata-se de entender o que os fenômenos decorrentes de determinado acontecimento representam para a sociedade.

Na abordagem qualitativa, de acordo com Denzin e Lincoln (2006), o pesquisador a partir de uma investigação aprofundada sobre um determinado tema pode localizar-se como observador, por meio da adoção de um conjunto de práticas interpretativas que dão visibilidade ao mundo a partir de uma série de representações, advindas de reportagens, notas de campo, entrevistas e fotografias. A competência da pesquisa qualitativa será o mundo da

experiência vivida, pois é nele que a crença individual, ação e cultura entrecruzam-se (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Dentre as diversas técnicas disponíveis para compor a investigação, elegemos a pesquisa documental enquanto estratégia metodológica. Tal técnica pode ser definida como “[...] um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar subsequentemente, a sua consulta e referência” (BARDIN, 2011, p.45). Segundo Gil (2008, p.58), a pesquisa documental apresenta algumas vantagens por ser “fonte rica e estável de dados”: não implica altos custos, não exige contato com os sujeitos da pesquisa e possibilita uma leitura aprofundada das fontes. Ela é semelhante à pesquisa bibliográfica, segundo o autor, e o que a diferencia é a natureza das fontes, sendo material que ainda não recebeu tratamento analítico, ou que ainda pode ser reelaborado de acordo com os objetivos da pesquisa.

No presente estudo, o foco versará sobre as representações dos judocas brasileiros nos Jogos Olímpicos pela ação da mídia impressa, de modo mais específico os veiculados pela Revista Veja. Para tanto, foi realizada a coleta de informações nas edições desta revista, disponíveis no Acervo Digital. Este acervo possui edições digitalizadas a partir do ano 1968, correspondente ao primeiro exemplar. A escolha desta fonte se justifica por ser um importante meio de comunicação, a nível nacional, e por ter produzido matérias relacionadas aos Jogos Olímpicos. Devido ao nosso recorte iniciar em 1972, as buscas empreendidas partem do ano em questão, e os anos demais consultados são correspondentes às edições em que ocorreram os Jogos, encerrando-se no ano 1988, que corresponde ao momento em que o Judô brasileiro ganha maior notoriedade. Nos anos elencados para o estudo foi feita uma busca por termos, a saber: Judô e Jogos Olímpicos. Desta primeira busca foram selecionadas 14 reportagens advindas da sessão Esportes, Olimpíadas e outras de menor repercussão.

Após a coleta das reportagens, as informações foram agrupadas por elementos de mesma classe e organizadas em pastas para serem posteriormente analisadas de acordo a técnica de análise de conteúdo proposto por Bardin (2011), pois este considera o discurso como um todo, visando identificar e classificar os diferentes significados encontrados nos

documentos. Cabe ressaltar que a análise de conteúdo, ainda é referenciada como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, pressupondo-se as seguintes fases: 1) Pré-análise; 2) Exploração do material; e, por fim, 3) O tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação.

Antes de iniciarmos as etapas de análise, e a fim de facilitar a organização do material consultado, cada reportagem teve seu título anotado, com suas respectivas edições, sessões e autores (quando indicados), o ano e a página conforme as orientações de Pimentel (2001). Após, procedemos com a etapa de pré-análise, que envolveu uma leitura flutuante das fontes selecionadas. No nosso caso, de análise de reportagens, estas foram transcritas na íntegra. A segunda etapa, nomeada exploração do material consistiu em operações de codificação, em que foram levados em conta os recortes textuais extraídos da revista em unidades de registro, para posterior classificação das informações em categorias simbólicas ou temáticas. Com relação a última etapa, referente ao tratamento dos resultados, as informações foram orientadas tanto pela inferência quanto pela interpretação, ou seja, fomos em busca de captar os conteúdos visíveis e latentes contidos em todo o material coletado (BARDIN, 2011). Na sequência apresentamos os resultados e discussão decorrentes da análise das três categorias elencadas para este estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da transcrição das reportagens, os procedimentos de análise que nos levaram a construir as categorias partiram da organização dos fragmentos textuais com maior recorrência. Deste modo, foram organizadas três categorias: a) Atletas de Judô e suas medalhas; b) Família dos atletas; c) Treinamento e desempenho dos atletas. As informações resultantes deste material foram confrontadas com a literatura pesquisada, com o intuito de ampliar o entendimento sobre a temática estudada.

a) Atletas de Judô e suas medalhas

Nesta primeira categoria, a participação dos atletas brasileiros desde a primeira edição oficial do Judô nos Jogos Olímpicos de Munique (1972), esteve presente nas páginas da Revista Veja. Como esperado, as principais reportagens tinham como foco as expectativas de medalhas. Da mesma forma, percebemos que inicialmente não era dado muito crédito aos representantes do Judô brasileiro, situação esta que paulatinamente foi sendo modificada como veremos a seguir.

Sob o título de “Os inexperientes de Munique”, ao noticiar a primeira medalha brasileira (de bronze) conquistada pelo japonês naturalizado Chiaki Ishii, a revista menciona que embora tivesse ocorrido festa no alojamento da delegação, no comentário do colunista nota-se um tom de descaso: “Não era muito, mas foi comemorado com a alegria de quem, enfim, ganha alguma coisa” (Revista Veja, 6 de setembro de 1972, p.97). Ishii havia perdido a medalha de prata nas semifinais para o inglês David Starbrook, fato que além do comentário acima o levou a ser criticado por meio de mais outras duas reportagens que mencionavam que os brasileiros deviam aprender antes de competir e que as medalhas haviam sido ganhas por acaso. As reportagens informavam ainda sobre as escolhas futuras do atleta: “Ishii, enquanto um lutador de Judô formado basicamente no Japão pretendia ganhar a medalha de ouro. Insatisfeito com a de bronze, abandonou as competições” (Revista Veja, 13 de setembro, p. 68).

Já nos Jogos Olímpicos de Moscou (1980), as predições desta vez voltaram-se para o peso pluma Luiz Shinohara, que havia sido campeão pan-americano de 1979 e para Walter Carmona, peso médio, que havia conquistado o 3º lugar no campeonato mundial de Paris, também em 1979. Para a delegação de Judô, o desempenho dos atletas estaria vinculada ao boicote² previsto para aquela edição dos Jogos. As apostas seguiam a seguinte lógica: Shinohara chegaria ao máximo à medalha de bronze, sem o boicote; com o boicote poderia até lutar pela de ouro, por causa da ausência dos

² Os Jogos de Moscou e Los Angeles foram palco dos dois maiores boicotes já presenciados na história olímpica, ainda que não tenham sido os primeiros. Por decisão do então presidente Jimmy Carter, em resposta à invasão soviética no Afeganistão, o Comitê Olímpico dos Estados Unidos não enviou delegação para os Jogos de Moscou, decisão seguida por outras 59 nações.

japoneses e franceses, naquele momento tidos como favoritos. Já Walter Carmona, era candidato a medalha de bronze, havendo o boicote poderia pensar na de prata” (Revista Veja, 23 de abril de 1980, p. 90).

Nos anos seguintes, por parte da mídia havia ainda certa descrença sobre a atuação dos judocas brasileiros nos Jogos de Los Angeles. A revista Veja, em 1984, reporta as vitórias inesperadas no tatame. Conforme reportagem do dia 15 de agosto, a revista menciona: “Ninguém acreditava em medalhas no Judô, e o Brasil ganhou duas de bronze e uma de prata” (Revista Veja, 15 de agosto de 1984, pág.60).

Além da nota acima, que aponta a surpresa das conquistas, a revista evidencia que naquela edição em questão, os torcedores brasileiros encontravam-se muito mais atraídos pelos jogos de futebol e de vôlei, ou interessados em acompanhar as passadas do corredor Joaquim Cruz. No entanto, tiveram que reconhecer o “brilhante desempenho olímpico de três campeões dos tatames”. O mineiro Douglas Vieira, 24 anos, da categoria meio-pesado, havia ganhado a medalha de prata na Olimpíada e os outros dois, os paulistas Luiz Onmura, 24 anos, da categoria peso leve, e Walter Carmona, 27 anos, peso médio ficaram com as 2 medalhas de bronze. Com essas vitórias, o Judô nacional despertou de um momento para o outro o interesse dos telespectadores que, no Brasil nem sequer sonhavam com uma única medalha saída deste esporte. A revista ainda ressaltou que até o momento em questão o Judô brasileiro havia ganhado apenas uma medalha de bronze em Olimpíada, na de 1972, em Munique e “nada mais do que isso” (Revista Veja, 15 de agosto de 1984, p.60).

Apesar das descrenças anteriores, notamos que aos poucos a opinião na mídia sobre os atletas foi sendo modificada. Na edição dos Jogos em Seul (1988), as reportagens pré e pós evento já traziam em seus títulos frases de efeito como “Arrancada para Seul” e “Golpes magistrais”. Referente ao primeiro título, antes do início dos Jogos a revista menciona que no “conjunto da obra”, a modalidade esportiva que talvez estivesse melhor preparada para essa Olimpíada fosse o Judô. Conforme vimos na edição de 1984, ocorrida em Los Angeles, o Judô passou a ser apreciado pelo torcedor brasileiro quando o mineiro Douglas Vieira ganhou a medalha de prata e os paulistas Luis Onmura e Walter Carmona foram medalha de bronze. A revista ainda afirma: “desde as

conquistas obtidas em 1984, o Judô passou a ser uma fonte constante de alegrias para quem gostava de ver atletas brasileiros triunfando” (Revista Veja, 24 de agosto de 1988, pág. 78).

Este quadro aparente em 1988, que apresentava o Judô como uma modalidade em crescimento e detentor de boas apostas em termos de qualidade e conquista de medalhas, foi reforçado por um comentário obtido por meio de entrevista que o então treinador da equipe brasileira, Geraldo Bernardes, concedeu à Veja: “Ganhamos mais de 200 medalhas em torneios internacionais nos últimos quatro anos”. Tal entrevista deixava transparecer um histórico judoístico positivo, que embora recente, vinha sendo construído com certa consistência e não somente algo a ser acompanhado e considerado pelos “olhos de uma olimpíada” (Revista Veja, 24 de agosto de 1988, p. 78). Dando continuidade a reportagem a revista afirma:

Na verdade, o Judô nacional vem obtendo bons resultados em provas internacionais há anos, e seu rendimento tende a melhorar. Em Los Angeles, o Judô garantiu duas das oito medalhas brasileiras: as de bronze de Luís Onmura e de Walter Carmona, que voltaram a competir agora em Seul. No ano passado, o Judô voltou a reluzir nos Jogos Pan-americanos de Indianápolis, nos EUA, abocanhando cinco medalhas de ouro, três de prata e quatro de bronze- sendo que uma das de ouro foi para Aurélio Miguel (Revista Veja, 5 de outubro, pág. 50).

Na segunda reportagem, referente as Olimpíadas de Seul, já em um momento que acompanhava o decorrer das competições, o título “Golpes Magistrais” situado no topo da página, que continha uma imagem de meia página do atleta Aurélio Miguel beijando a medalha de ouro, veio acompanhado de um subtítulo que refletia um novo momento do Judô. O subtítulo dizia o seguinte: “Aurélio Miguel ganha a primeira medalha de ouro na história do Judô olímpico brasileiro e espelha a imensa popularização do esporte no país” (Revista Veja, 5 de outubro, pág. 50).

Dando continuidade, no texto desta reportagem é descrita toda a rotina do dia da vitória do judoca Aurélio Fernandez Miguel. O atleta havia acordado mais cedo do que de costume. Antes das 6 da manhã estava de pé, tentando acordar os companheiros alojados na vila olímpica de Seul. À tarde, ele

entraria no tatame para disputar uma das mais duras provas de sua vida de lutador: a disputa pela medalha de ouro na categoria meio-pesado, que englobava atletas de até 95 quilos. “Ele estava ansioso, decidido, dando socos de brincadeira nos amigos”, contou Walter Carmona, medalha de bronze em Los Angeles, um lutador peso médio que havia perdido a chance de ganhar uma medalha na véspera. Aurélio foi para a pesagem oficial vestido com o agasalho amarelo e azul do Brasil e calçando sandálias. Ao seu treinador, o carioca Geraldo Bernardes, confessou que tinha o pressentimento que teria sucesso naquela tarde (Revista Veja, 5 de outubro, pág. 50). No entanto, para os dirigentes do Judô no Brasil, a medalha de Aurélio não surpreendeu. Conforme Emir Vaccari, diretor técnico da Confederação Brasileira de Judô, eles não estavam esperando o ouro, embora contassem com uma medalha para o Aurélio (Revista Veja, 5 de outubro, pág. 50).

A partir desta categoria é possível inferir que considerando o recorte temporal de nosso estudo (1972-1988), o Brasil em termos de medalhas, obteve conquistas em três edições: Munique, 1972, pelo japonês naturalizado Chiaki Ishii com uma medalha de bronze. Em Los Angeles, 1984, com o pódio de Douglas Vieira com uma medalha de prata e pelas medalhas de bronze de Walter Carmona e Luiz Onmura e finalmente em Seul, 1988, a medalha de ouro de Aurélio Miguel.

As trajetórias destes atletas fazem parte da construção histórica do Judô brasileiro. Nunes (2011) em sua Tese de doutorado já apontava que as contribuições destes anos iniciais do Judô foram marcadas por importantes transformações no cenário esportivo brasileiro. O autor salienta que Chiakii Ishii além de ser o primeiro atleta a conquistar uma medalha para o Brasil em Olimpíadas, detinha um relevante conhecimento sobre o Judô, influenciando posteriormente várias gerações de judocas e professores. Ao passo que Douglas Vieira foi o primeiro brasileiro nato a participar de uma final olímpica no Judô em Los Angeles. Sendo que a medalha de prata obtida foi considerada um resultado excepcional para os padrões da época. Este, portanto foi considerado um ano marcante para o Judô brasileiro, pois como vimos, além da medalha de prata Douglas, Luiz Onmura e Walter Carmona haviam conquistado medalhas de bronze um dia antes. Demarcando a melhor campanha do Brasil até então. As glórias judoísticas brasileiras completariam

seu ápice em 1988 com o ouro de Aurélio Miguel (NUNES, 2011; NUNES; RUBIO, 2012).

Percebemos que esta é uma leitura atual, uma representação de um período em que o Judô brasileiro ainda caminhava a passos lentos, constituindo-se enquanto modalidade Olímpica. Muitas das informações aqui trazidas apontam descrenças por parte da mídia retratada pela revista Veja. O estudo de Drigo et.al., (2006) aponta que a mídia coloca o Judô brasileiro num alto patamar em decorrência dos resultados olímpicos. Portanto, as críticas e cobranças sofridas pelos primeiros atletas que representavam o Brasil nos Jogos é algo que acontece até os dias atuais.

A mídia analisada apresentou trechos e títulos que valorizavam os resultados, ou seja, a quantificação dos desempenhos. Estudos como o de (AMARO, 2014) que analisa a ação da mídia sobre as olimpíadas ocorridas na segunda metade do século XX, salienta que as olimpíadas em que houve a cobertura jornalística foram marcadas por discursos alheios a reconhecida máxima de Pierre de Coubertain, segundo a qual mais valia competir do que propriamente vencer. Esta concepção em nossas reportagens, se fizemos um retrospecto, também esteve atrelada a própria percepção dos atletas enquanto competidores. Como foi o caso de Chiaki Ishii que decepcionado com a medalha de bronze, teve seu distanciamento das competições anunciado após os Jogos de Munique.

Outro ponto que devemos ressaltar foi a atenção dada aos atletas em cada edição, ou seja, o volume de informações disponíveis sobre a atuação dos atletas esteve atrelado as suas conquistas. Enquanto na primeira edição dos Jogos elencadas para o nosso estudo (1972) a matéria sobre a medalha de Chiaki Ishii ocupava menos de meia pagina, nos anos das conquistas seguintes, ressaltando a conquista de Aurélio Miguel em Seul, as reportagens ocupavam uma pagina inteira ou mais, compondo muitas vezes colunas especialmente criadas para divulgar os feitos esportivos.

b) Família dos atletas

Conforme o observado na categoria anterior, no decorrer dos anos o Judô brasileiro caiu no “gosto” dos torcedores brasileiros, construindo o que podemos definir como uma tradição olímpica. No entanto, quando tratamos de trajetórias esportivas, pouco se conhece sobre os fatores que contribuem para o desenvolvimento do talento e sucesso destes atletas no cenário nacional (MASSA; UEZU; BÖHME, 2010). De acordo com Moraes, Durand-Bush e Salmela (1999), o sucesso de uma pessoa talentosa depende tanto do seu treinamento, comprometimento, motivação e paixão pela sua área de atuação como, da própria família, bons mentores e professores e também bons treinadores. Neste sentido, a partir das reportagens da revista Veja foi possível identificar uma categoria relacionada a família, entendida aqui como um importante suporte de apoio psicossocial para os atletas.

As primeiras referências relacionadas a esta categoria tiveram os primeiros indícios em 1984, ano em que ocorreu a edição realizada em Los Angeles. A revista Veja descreve que, enquanto o judoca Luiz Yoshio Onmura vibrava na vila olímpica a conquista da medalha de bronze, em São Paulo, seus pais dormiam sem sonhar com uma vitória do filho. O pai do atleta, Toshikazu Onmura, e sua mulher Mary, sem saber ao certo se a luta seria transmitida pela televisão, tentaram sintonizar seu aparelho em vários canais, não encontraram nada que lhes chamasse atenção e foram dormir. Pouco depois da meia-noite, receberam a notícia por meio de telefonema de um amigo. Após a ligação, o pai de Luiz não acreditava no que ouviu.

Na verdade, pouco antes disto, o próprio dono da medalha havia também telefonado, porem, a ligação fracassou. Luiz Onmura tentava falar de um telefone publico. Ele pedira ao operador que lhe fizesse uma ligação a cobrar para a casa dos pais. Em resposta, entrou na linha, então, a mãe do judoca que não fala uma única palavra em inglês. O operador tentou em espanhol, arriscou algumas palavras em português, mas Mary, filha de japoneses fala um péssimo português. Como o operador, por seu lado, não sabia nada de japonês, a ligação não foi em frente. “Não consegui contar a novidade à minha família”, lamentava-se ainda na quinta-feira o judoca, um dia depois de chegar ao terceiro lugar em sua categoria. “E nem sei se eles já descobriram que ganhei”. O pai certamente não contava com tanto, mas nunca duvidara de que o filho enfrentaria o combate com forte disposição de prostrar

os adversários no tatame e sair vitorioso. “Ele nunca foi de perder”, foi o comentário que o pai do atleta fez a revista com orgulho.

A respeito do judoca brasileiro Walter Carmona que também havia conquistado uma medalha de bronze em Los Angeles, o apoio da família apresentou-se também atrelado ao campo financeiro. Carmona vivia na época com a família nas vizinhanças do aeroporto de Congonhas, treinava 5 horas por dia, cursava o quinto ano de engenharia no Mackenzie e conforme o mencionado pela Veja, “vivia às custas” do pai, dono de uma fábrica de molas em São Paulo. Segundo entrevista concedida à revista, pelo pai de Carmona, para o atleta esta era uma situação confortável, pois assim poderia estudar e se dedicar ao Judô sem preocupações. Além do mais, para o pai, a situação, mais que isso, era motivo de grande satisfação. “Tenho orgulho de sustentar um campeão”, afirmou Pedro José Carmona (Revista Veja, 15 de agosto de 1984, pág.60).

As edições publicadas no ano de 1988, sobre os Jogos de Seul, abordam em momentos distintos, percepções sobre a importância que a família possuía para os atletas. Em uma das reportagens, a revista Veja escreve sobre a atleta Monica Angelucci, que durante o período de confinamento na concentração da equipe brasileira de Judô que iria a Olimpíada, havia encontrado uma maneira de driblar a solidão dos treinos e registrar as emoções que viveria em Seul. Segundo a própria atleta: “Era muito duro ficar longe das pessoas que amava. O diário era seu confessor”, disse ela a revista, naquela ocasião em que não podia se comunicar com seus pais ou namorado porque não havia telefone na concentração (Revista Veja, 24 de agosto de 1988, pág. 90).

Novas referências sobre a família foram encontradas nas páginas que se destinaram ao momento vivenciado por Aurélio Miguel após ter ganhado a medalha de ouro em Seul [...] “Aurélio Miguel disse que dedicava sua medalha à mãe, que falecera dois anos antes das olimpíadas, ao pai, aos irmãos e amigos e à “família judoística” brasileira”. Com a intenção de compartilhar sua vitória com os familiares, o judoca brasileiro havia ligado para o pai pouco depois de ter recebido a medalha. Disse que não havia lutado tão bem como queria, pois precisara “segurar “o adversário para garantir a vitória. O pai de Aurélio declarou seu sentimento com relação a vitória do filho : “Só não chorei

porque já vi o Aurélio receber muitas e muitas medalhas, mas foi uma sensação muito forte”, disse o pai do campeão, que assistiu a luta pela televisão (Revista Veja, 5 de outubro, pág. 50-53).

A partir dos trechos descritos, a representação dos atletas no quesito família esteve atrelada a momentos de compartilhamento das conquistas, das vivências e da confiança e apoio oferecido pelos familiares. Tal apoio, segundo o estudo realizado por Côté (1999) oferece indicativos que há uma importante influência da família no que tange ao desenvolvimento de talentos esportivos. No decorrer de sua pesquisa, este mesmo autor apresentou que, principalmente durante a infância e adolescência, os familiares ao gerarem oportunidades para a prática esportiva acabam despertando o interesse das crianças e jovens. Este dado corrobora com o relato que a revista Veja fez em uma de suas reportagens sobre Aurélio Miguel:

“[...] quando começou a praticar Judô, tentava se manter longe do tatame. “Ele começou a praticar com 5 anos e tinha de ser levado para a academia na base do puxão de orelha”, conta seu pai. “Depois, quando vieram as competições e a primeira medalha, já aos 6 anos, ele tomou gosto pela coisa” (Revista Veja, 5 de outubro, p. 50-53).

Atletas que possuem aptidão para determinada prática e incentivo da família possuem maior chance de dar continuidade a carreira esportiva. De acordo com (SAMULSKI *et al.*, 2009, BEGOSSI, 2015), o núcleo familiar ocupa papel de destaque na carreira dos atletas, uma vez que, são reconhecidos como os principais motivadores.

Ademais, salientamos o papel da família como provedor. Tal como o trecho em que Walter Carmona é mencionado por depender financeiramente dos pais. Acompanhando esta perspectiva o estudo realizado por Lidor e Lavyan (2002), com atletas de elite provenientes de 21 modalidades esportivas e entre elas o Judô, verificou que a maioria das famílias oferecia suporte para a participação em programas de treinamento, contribuindo financeiramente e emocionalmente. Cabendo ressaltar aqui que, conflitos ocasionados por trabalhos paralelos, suporte financeiro deficitário, tempo escasso, lesões e

pressão dos parentes estão entre os principais motivos para o abandono da prática de atletas olímpicos (GIBBONS et al., 2002).

c) Treinamento e Desempenho dos atletas

Desde a primeira participação oficial nos Jogos Olímpicos de Munique, a delegação brasileira buscava meios de incrementar o treinamento de seus atletas. Conforme a matéria do dia 23 de agosto de 1972, “Os judocas haviam complementado sua preparação na própria terra dos campeões mundiais, o Japão”. A ida da delegação brasileira para as olimpíadas foi apresentada sob uma nova configuração, mais madura e organizada. Ao menos no que se referia a preparação das equipes para uma grande competição como a anunciada (Revista Veja, 23 de agosto de 1972, p.45).

Como visto na primeira categoria, o Brasil nas primeiras edições não possuía atletas com muita projeção mundial no Judô. Durante algumas competições, o desempenho positivo de nossos atletas ainda era visto com surpresa pela imprensa. Este foi o caso retratado pela revista Veja com relação a medalha de prata de Douglas Vieira nos Jogos de Los Angeles, em 1984.

De acordo com a revista, o desempenho do atleta é recebido como algo inesperado. Em trecho é mencionado: “Os jornalistas canadenses que estavam no ginásio se mostraram perplexos. “Como é que pode um desconhecido chegar à final de uma Olimpíada? Indagava um deles”. O próprio Vieira não esperava tanto. Na véspera, na vila olímpica, ele se mostrava pessimista diante de seus companheiros. “Acho que não vai dar para disputar a medalha”, dizia. “Peguei um grupo muito forte” (Revista Veja ,15 de agosto de 1984, pág.60).

Parte do processo de treinamento dos atletas esteve em pauta durante os Jogos de Seul 1988. O trabalho do treinador da equipe brasileira Geraldo Bernardes foi citado: “Bernardes cuidou de adestrar os convocados para a equipe de Judô nos dois pontos onde sentiu fragilidade: a luta no chão e o preparo físico”. Segundo a revista, os lutadores mais qualificados na época eram o meio pesado Aurélio Miguel e Sérgio Pessoa, da categoria leve. Aurélio Miguel também encontrou espaço para expor sua estratégia: “Minha chance é conseguir impor um ritmo mais ágil”, disse Miguel. “Vou usar muito o

corpo, o jogo de cintura e se a luta for para o chão estou preparado (Revista Veja, 24 de agosto de 1988, pág. 78).

A luta final entre o judoca Aurélio Miguel e o alemão Meiling foi reportada em detalhes nas páginas da Veja. Tanto a luta foi descrita como o momento em que Aurélio sagrou-se campeão olímpico e ganhador da primeira medalha de ouro do Brasil em Seul. Dado o sinal do juiz para que a luta começasse, Aurélio bateu levemente com as mãos abertas no próprio rosto, como se quisesse acordar, e partiu para cima do alemão, que não conseguiu disfarçar seu espanto pelo ímpeto do brasileiro. A *kumikata*³, a pegada forte de Aurélio, o prendia como uma tenaz. Meiling, desesperado, tentava se safar e mostrar agressividade. Mais forte e mais alto, o alemão equilibrava o combate não dando vantagem à técnica mais apurada de Aurélio. Aos 2min31s, ambos foram punidos com um *shido*⁴ por terem se empurrado para fora do tatame. A partida estava tecnicamente empatada. Sobre este momento Aurélio lembrou: “Senti que teria que partir para cima dele com tudo, pois não podia arriscar deixar a luta para ser decidida pelos juízes”. A luta estava ganha, venceu por um *chui*⁵ que foi convertido num *yuko*⁶, situação que assinala um golpe brando, mas bem aplicado e, nesse caso, suficiente para desempatar a luta em favor do brasileiro.

Quanto ao seu próprio desempenho, Aurélio Miguel ainda comentou: “Pelo preparo que fiz, era natural que obtivesse bons resultados aqui”. Após, informou que pretendia continuar lutando Judô, já avisando que a Olimpíada de 1992 em Barcelona estava na sua mira: “Quero ser bicampeão olímpico e antes disso vou buscar os títulos que me faltam, de campeão mundial e universitário”.

Aurélio em Seul venceu todas as lutas por diferenças irrisórias de pontuação, lutando em todas elas o tempo máximo disponível (5 minutos). Venceu suas lutas pela agressividade e pelo fôlego, que lhe permitiu manter-se

³ *Kumikata*- O termo “Kumi-Kata” se refere, no Judô, à pegada no *judogui* do oponente.

⁴ *Shido*- é uma penalidade aplicada quando há faltas leves, como: falta de combatividade; pegar com o dedo dentro da manga; defesa excessiva; ataque falso; saída de área sem contato.

⁵ *Chui*- é a penalidade do judô, atribuída quando se comete uma infração um pouco mais grave que o Shido, ou quando é atribuído um segundo Shido. Ao atribuir-se um *Chui* a um combatente, o oponente é pontuado com um *Yuko*.

⁶ *Yuko*- quando o judoca cai lateralmente, ou quando imobiliza seu oponente por 15 segundos.

na ofensiva até o final. Obrigados a se defender, os adversários perderam pontos preciosos pela falta de opções de ataque e acabaram sendo derrotados pelo brasileiro. “Estava disposto a ir para tudo ou nada, mas acabei fazendo lutas mais estudadas”, diz Aurélio, um ídolo para os quase 1,2 milhão de brasileiros que praticam Judô. “Seria uma injustiça para o Judô se não ganhássemos nenhuma medalha”, avalia o treinador Bernardes, que durante todas as lutas de Aurélio na Olimpíada não parou de berrar. “Nunca viemos a uma competição tão preparados”.

Outros aspectos do treinamento desenvolvido por Geraldo foram ressaltados nesta mesma reportagem. Seus feitos estavam alinhados pelo grupo de judocas que havia formado. “Ele desenvolveu nos brasileiros o gosto pela luta de chão, que dá ao lutador segurança suficiente para tentar um golpe arriscado. “O judoca olímpico do Brasil sabe que, mesmo caindo, terá como se desvencilhar bem de contragolpes no solo”. Além disso, Geraldo cuidou de levar seus judocas à maioria das competições significativas do mundo. Graças a essas viagens, vi diversos desses lutadores e medi força com muitos deles”, contou Aurélio. “Nada ajuda tanto quanto a experiência internacional (Revista Veja, 5 de outubro, p. 50-53)

Após as Olimpíadas de Seul, o canal BR-TV que ia ao ar na década de 1980, foi mencionado na revista Veja. Segundo o anunciado, o canal transmitiu um encontro entre Aurélio Miguel e o então presidente José Sarney indicando previsões futuras sobre a participação dos judocas brasileiros: “No ultimo BR-TV, uma das atrações foi o encontro do campeão de Judô Aurélio Miguel, medalha de ouro na Olimpíada de Seul, com Sarney, ao fundo uma voz anunciava que nos jogos de 1992 o desempenho da seleção Brasileira será melhor (Revista Veja, 19 de outubro de 1988, p. 43).

As questões voltadas ao treinamento de atletas, principalmente aquelas relacionadas ao desempenho de alto nível, quando observadas em diferentes domínios do conhecimento, e aqui citamos saúde, persistência, entre outros fatores intrínsecos e extrínsecos, parecem ser determinantes para a aquisição da excelência (MASSA, UEZU, BÖHME, 2010). Estudos realizados no xadrez (CHASE; SIMON, 1973; DE GROOT, 1978), no hokey e no futebol (HELSEN; STARKES; HODGES, 1998) e em atletas de luta greco-romana (HODGES;

STARKES, 1996) citam que há uma estreita relação entre o tempo dedicado ao treinamento com o desempenho atingido.

Quanto ao treinamento dos atletas de Judô brasileiros e consecutivamente seu desempenho, no decorrer das edições dos Jogos Olímpicos estiveram atreladas a treinos em outros países, como o Japão, a busca por informações acerca de adversários em potencial para estudo e aperfeiçoamento de técnicas, a partir de técnicas de solo que vimos ser uma das características implementadas pelo corpo técnico nas Olimpíadas de Seul.

Toda esta bagagem repercutiu em uma geração de judocas que conseguiu mostrar que havia um potencial para disputar boas colocações nos Jogos. O treinamento aliado à autoconfiança e segurança também se mostraram como elementos importantes para o enfrentamento de grandes desafios e conseqüentemente de um bom desempenho (QUADROS; VICENTIM; CRESPILO, 2006), como o caso de uma final de Olimpíada, que aqui podemos perceber claramente nas falas de Aurélio Miguel.

A postura de Aurélio Miguel corrobora com os estudos de (DE ROSE JUNIOR, 2002; MARAVIESKI, CALEGARI e GORLA, 2007), que apontam o papel da competição como oportunidade para que o atleta demonstre suas habilidades e competências, desafiando seu desempenho, seja numa perspectiva pessoal ou na tentativa de quebrar um recorde. O desempenho esportivo de excelência caracteriza-se pela combinação de um conjunto de fatores, dentre os quais se destacam a condição física, o nível técnico e o aspecto psicológico, sendo importante a autoconfiança para o sucesso não só no Judô como em diversas outras modalidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise das reportagens, foi possível observar que a participação dos atletas brasileiros desde a primeira edição oficial do Judô nos Jogos Olímpicos de Munique (1972), esteve presente nas páginas da Revista Veja. Das categorias que emergiram neste estudo, o foco esteve direcionado a relacionar a imagem dos judocas a expectativas de medalhas, a relações familiares e ao treinamento e desempenho.

Deste modo, percebemos que no quesito medalhas, inicialmente não era dado muito crédito aos representantes do Judô brasileiro. Prognósticos sobre lugares ao pódio seguiam a figura dos judocas com descrença até a edição dos Jogos de Los Angeles (1984) quando o Brasil conquistou sua primeira medalha de prata. No entanto, a partir dos Jogos de Seul (1988), com a medalha de ouro de Aurélio Miguel, o Judô passou a ocupar papel de destaque nas páginas da revista.

As representações dos atletas, quando abordadas sob o prisma familiar estiveram vinculadas a momentos de compartilhamento das conquistas, das vivências e da confiança e apoio oferecido pelos familiares. Ademais, surgiu o papel da família como provedor, possibilitando o atleta a dedicar-se exclusivamente a carreira.

Quanto ao treinamento dos atletas de Judô brasileiros e consecutivamente seu desempenho, no decorrer das edições dos Jogos Olímpicos foi possível tomar conhecimento que os atletas nas matérias da revista foram mencionados em contextos que envolveram treinamentos em países, como o Japão, bem como buscavam por informações acerca de adversários em potencial para estudo e aperfeiçoamento de técnicas. Toda esta bagagem repercutiu, já na década de 1980, em uma geração de judocas que conseguiu mostrar que havia um potencial para disputar boas colocações nos Jogos Olímpicos.

Conclui-se, por fim, que a visão acerca dos judocas ao ser retratada pela Veja no período delimitado entre (1972 a 1988) refletiu um momento em particular vivenciado pelo Judô brasileiro. A revista por ser um instrumento midiático que se utiliza discursos para atingir a população, apontando tendências e formando ideias, deve ser olhado com criticidade, pois muitas vezes traz imagens estereotipadas, distorcidas ou fragmentadas. Deste modo, é necessário atentar para a superficialidade e parcialidade destes discursos e suas consequentes repercussões.

REFERÊNCIAS

AMARO, F. **O Jornal do Brasil e a representação dos atletas brasileiros nos Jogos Olímpicos: notas de uma pesquisa.** Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 11, p. 472-483, 2014.

AMORIM, P.H. O quarto poder. São Paulo: Ed. Hedra, 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, E. P. **A construção do sucesso na revista Veja.** Dissertação apresentada para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Semiótica Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010, 133 f.

BEGOSSI, T. D. **As atletas pioneiras no cenário paralímpico sul-rio-grandense: nuances de uma prática esportiva.** Monografia (Graduação em Educação Física). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

CHASE, W.G.; SIMON, H.A. The mind's eye in chess. In: CHASE, W.G (Ed.). **Visual information processing.** New York: Academic Press, 1973.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. Media and production of ways of existence. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 17, n. 1, p. 1-4, 2001.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **The Sport Psychologist**, Champaign, v.13, p.395-417, 1999.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa.** In:_____. (Org.) DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-42.

DE ROSE, J.D. A competição como fonte de estresse no esporte, **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.10, n.4, p.19-26, 2002.

DOS SANTOS, D. S.; MEDEIROS, A.G.A. O discurso midiático e as representações sociais do esporte: o atleta como modelo de comportamento. **Pensar a Prática**, [S.l.], v. 12, n. 3, nov. 2009. ISSN 1980-6183. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/6937/6000>>. Acesso em: 22 ago. 2017. doi:<https://doi.org/10.5216/rpp.v12i3.6937>.

DOS SANTOS, S.G. Judô: Onde está o Caminho Suave? **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 8, n. 1, p. 114-119, 2006.

FRANCHINI, E.; DORNELLES, A. **Judô**. In: Atlas do Esporte no Brasil, 2005.

GIBBONS, T.; HILL, R.; McCONNELL, A.; FORSTER, T.; MOORE, J. **The path to excellence**: a comprehensive view of development of U.S. Olympians who competed from 1984-1998. Colorado Springs: United States Olympic Committee, 2002. (Initial Report: results of the talent identification and development questionnaire to U.S. Olympians athlete development and coaching and sport sciences divisions, 2002). Disponível em: <<http://www.usolympicteam.com/codp>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**, 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

HELSEN, W.F.; STARKES, J.L.; HODGES, N.J. Team sports and the theory of deliberate practice. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, Champaign, v.20, p.12-34, 1998.

HODGES, N.J.; STARKES, J.L. Wrestling with the nature of expertise: a sport specific test of Ericsson, Krampe and TeschRömer's (1993) theory of "Deliberate Practice". **International Journal of Sport Psychology**, Rome, v.27, p.400-24, 1996.

JODELET, D. Représentations sociales: undomaineen expansion. In: JODELET D. (Ed.) **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1989. p. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith Alves-Mazzotti. UFRJ-Faculdade de Educação, 1993.

_____. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p.17-44.

LIDOR, R.; LAVYAN, N. A retrospective picture of early sport experiences among elite and near-elite israeli athletes: developmental and psychological perspectives. **International Journal of Sport Psychology**, Rome, v.33, p.269-89, 2002.

MARAVIESKI, A. L; CALEGARI, D. R; GORLA, J.I. Níveis de ansiedade-traço e pré-competitiva dos atletas com deficiência do basquetebol em cadeiras de rodas no campeonato paranaense. EFDeportes.com, Revista Digital - Buenos Aires, vol.106, 2007. <<http://www.efdeportes.com/efd106/niveis-de-ansiedade-dos-atletas-do-basquetebol-em-cadeiras-de-rodas.htm>>. Acesso em: 10 set. 2017.

MASSA, M. et al. Judocas olímpicos Brasileiros: fatores de apoio psicossocial para o desenvolvimento do talento esportivo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (Impresso)**, v. 24, n. 4, p. 471-481, 2010.

MELO, V.A. ; FORTES, R. **História do esporte: panorama e perspectivas**. Fronteiras, Dourados, v. 12, n. 22, p. 11-35, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/viewFile/1180/724>>. Acesso em: 15 set.2017

NUNES, A.V. **A influência da imigração japonesa no desenvolvimento do judô brasileiro**: uma genealogia dos atletas brasileiros medalhistas em Jogos Olímpicos e campeonatos mundiais. Tese de (Doutorado)- Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, 2011.

PIMENTEL, A. **O método da análise documental**: seu uso numa pesquisa historiográfica. Cadernos de pesquisa, São Paulo, n.114, 179-195, nov. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010015742001000300008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 17 ago. 2017.

QUADROS J.A.; VICENTIM, J.; CRESPILO, D. Relações entre ansiedade e psicologia do esporte. **EFDeportes.com**, Revista Digital, Buenos Aires, v.11, n.98, 2006. <http://www.efdeportes.com/efd98/ansied.htm>.

RIGOTTO, R. M. As técnicas de Relatos Orais e o Estudo das Representações Sociais em Saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 3, n. 1, p. 116-130, 1998.

RUBIO, K. O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona, v. VI, n. 119 (95), 1 ago. 2002. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn119-95.htm>. Acesso em 28 de setembro de 2017.

SAMULSKI, D.M.; MORAES, L. C. C.A; FERREIRA, R.M.; MARQUES, M.P.; SILVA, L.A.; LÔBO, I.L.B.; MATOS, F.O.; SANTIAGO, M.L.M.; FERREIRA, C.H.S. Análise das transições das carreiras de ex-atletas de alto nível. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.2, p. 310-317, abr./jun.2009.

SERRANO, E. F. Génesis del judo. **EFDeportes/Revista Digital**, Buenos Aires, v. 10, n.126, Nov. 2008, p. 1-13. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd126/genesis-del-judo.htm>>. Acesso em: 10 de set. 2017.

SILVA, E. F. G ; SANTOS, S. E. B. O impacto e a influência da mídia sobre a produção da subjetividade. In: Abrapso, XV, 2009, Maceió, Faculdade Integrada Tiradentes – FITs. **Anais**, Maceio: FITs.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; FARIA, Aline de Almeida. **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comunicacaomidiaeconsumo/article/view/5032/4656>. Acesso em: 22 de Agosto de 2017.

TEIXEIRA, Gilmar Nascimento; DUARTE, Monica. NOÇÕES GERAIS ACERCA DO USO DA IMAGEM DE ATLETA PROFISSIONAL. **Seminário Internacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea**, n. 11, 2014.

TURATO, E. R. (2005). Métodos quantitativos e qualitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista de Saúde Pública**, 39(3), 507-14.

VAMPLEW, Wray. História do esporte no cenário internacional: visão geral. In: Dossiê. Uma história do esporte para um país esportivo. **Revista Tempo**, vol. 19 n. 34, Jan. – Jun. 2013: 5-17.

Fontes Consultadas

_____. **A outra medalha.** Revista Veja. Sessão Esporte/ 13 de setembro de 1972. Editora Abril, edição 210, (sem ano) nº 210, pág 72.

_____. **Brasil de ouro e prata.** Revista Veja/ 15 de agosto de 1984, pág.46. Editora Abril, edição 832, (sem ano), nº832.

_____. **O começo da organização- Muitos treinos.** Revista Veja Sessão Esportes/ 23 de agosto, 1972. Editora Abril, nº 207, pág. 45.

_____. **Os inexperientes de Munique.** Revista Veja. Sessão Esporte/ 6 de setembro, 1972. Editora Abril, nº 209, pág. 97 -98.

_____. **Aprender antes de competir.** Revista Veja. Sessão Esporte/ 13 de setembro, 1972. Editora Abril, nº 210, pág. 68-72.

_____. **Brasileiros: as medalhas ganhas por acaso.** Revista Veja. Sessão Esporte/ 28 de julho, 1976. Editora Abril, nº412, pág.114.

_____. **A guerra esquentou.** Revista Veja. Sessão Esporte/23 de abril, 1980. Editora Abril, nº 607, pág. 90.

_____. **O fim da festa Russa.** Revista Veja. Sessão Esporte/ 6 de agosto, 1980. Editora Abril, nº 622, pág.76.

_____. **Rumos incertos.** Revista Veja. 22 de agosto de 1984. Editora Abril, edição 833, (sem ano), nº 833, pág 48.

_____. **Vitórias no tatame.** Revista Veja. 15 de agosto, 1984. Editora Abril, nº 832, pág.46, 60.

_____. **Arrancada para Seul.** Revista Veja. Sessão Olimpíada/ 24 de agosto, 1988. Editora Abril, nº34, ano 20, pág. 78.

_____. **Gente.** 24 de agosto de 1988. Revista Veja. Editora Abril, edição 1042, ano 20, nº34, , pág. 90.

_____. **Ouro olímpico.** Revista Veja 26 de outubro de 1988. Editora Abril, nº 43, ano 21, pág.15.

_____. **Xou do Xarney.** Revista Veja. 19 de outubro, 1988. Editora Abril, nº 42, ano 21, pág. 43.

_____. **Golpes Magistrais.** Revista Veja. Sessão Olimpíada/ 5 de outubro, 1988. Editora Abril, nº 40, ano 21, pág.50.

_____. **CBJ compra briga com Aurélio Miguel.** Revista Veja. Sessão Radar/ 9 de novembro, 1988. Editora Abril, nº45, ano 21, pág.57.